



A Divulgação da Produção Científica no Brasil: A Visibilidade da Pesquisa nos Portais das Universidades Brasileiras¹

The Dissemination of Scientific Production in Brazil:

The Visibility of Research in the Portals of Brazilian Universities

La Divulgación de la Producción Científica en Brasil:

La Visibilidad de la Investigación en los Portales de las Universidades Brasileñas

Wilson da Costa BUENO²

Resumo

A pesquisa desenvolvida pelas universidades brasileiras permanece na invisibilidade, comprometendo uma de suas funções básicas: a democratização do conhecimento científico. Além disso, há lacunas importantes no processo de disponibilização das informações relativas à estrutura e à dinâmica de investigação nas instituições universitárias, dificultando o seu acesso pelos interessados e à sociedade de maneira geral. Esta conclusão é resultado de estudo que analisou a divulgação, pelos portais de quatro universidades do Sul do país, dos relatos de pesquisas realizados internamente e de outros dados relevantes que contribuem para legitimar o seu esforço de investigação.

Palavras-chave: Divulgação científica; Jornalismo científico; Divulgação do conhecimento científico.

Abstract

The research developed by Brazilian universities remains in invisibility, compromising one of its basic functions: the democratization of scientific knowledge. Moreover, there are important gaps in the provision of information concerning the structure and dynamics of research in our universities, hindering their access to stakeholders and society in general. This conclusion is the result of a study about the disclosure, by the web portals of four universities in the south of the country, of the research reports and other relevant data that contribute to legitimize their research effort.

Keywords: Communication of science; Science journalism; Dissemination of scientific knowledge.

Resumen

La investigación desarrollada por las universidades brasileñas se mantiene en la invisibilidad,

1 Trabalho apresentado à sétima edição da Revista Ação Midiática – Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura, publicação ligada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal do Paraná.

2 Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UMESP, jornalista, tem mestrado e doutorado em Comunicação (USP) e especialização em Comunicação Rural. E-mail: professor@comtexto.com.br



comprometiendo una de sus funciones básicas: la democratización del conocimiento científico. Por otra parte, existen importantes lagunas en el suministro de informaciones relativas a la estructura y la dinámica de la investigación en las universidades, lo que dificulta el acceso de los grupos de interés y de la sociedad en general. La conclusión es el resultado de un estudio que analiza la divulgación, en los portales de cuatro universidades del sur del país, de los informes de investigación llevada a cabo internamente y de otros datos relevantes que ayudan a legitimar su esfuerzo de investigación.

Palabras clave: Divulgación científica; Periodismo científico; Divulgación del conocimiento científico.

Introdução

Uma universidade é avaliada, basicamente, a partir de seu desempenho em pelo menos três áreas ou competências, identificadas com o tradicional tripé ensino x pesquisa x extensão.

O ensino diz respeito, genericamente, à oferta de cursos de graduação e pós-graduação e à realização de eventos que promovem a difusão do conhecimento (palestras, seminários, congressos, *workshops* etc.) com objetivo prioritário de formar profissionais que irão atuar no mercado ou docentes e pesquisadores para incrementar a massa crítica nas universidades, nos institutos de pesquisa ou mesmo na iniciativa privada. A pesquisa abrange o esforço de investigação de seus docentes e pesquisadores, de alunos de pós-graduação, em particular os matriculados em cursos *stricto sensu* (mestrado e doutorado), e mesmo de graduandos em projetos de iniciação científica. Compreende também a atividade regular dos grupos de pesquisa, como os certificados pelas instituições universitárias e cadastrados no CNPq. A extensão reporta-se a ações e projetos institucionais voltados para a inserção social, à prestação de serviços à comunidade e, inclusive, ao trabalho de disseminação para o público não especializado da produção científica desenvolvida internamente.

É importante frisar que essas três competências estão, em geral, articuladas e que se realimentam permanentemente, de tal modo que é sempre recomendável percebê-las e praticá-las de forma integrada e orgânica, ainda que o organograma das instituições as contemplem de maneira individualizada.

Este texto foca o esforço empreendido por universidades brasileiras na divulgação de sua produção científica junto ao público leigo, contemplando especificamente as notícias de relatos de pesquisa e a descrição dos seus projetos, grupos e trabalhos de investigação pelos seus portais institucionais.

A pesquisa na universidade brasileira

A pesquisa desempenha papel fundamental em uma universidade porque não apenas



permite que ela contribua efetivamente para o desenvolvimento científico, tecnológico e para alavancar o potencial de inovação do país, mas promove a atualização do conhecimento gerado internamente e disseminado para os alunos e para a sociedade de maneira geral. Como acentua JANKEVICIUS (1995, p. 330):

As atividades de pesquisa são indispensáveis aos professores universitários, sem as quais seriam meros repassadores de informações livrescas, de antemão ultrapassadas e que rapidamente se tornam inúteis com o avanço da fronteira do conhecimento. Portanto, mesmo que as atividades de pesquisa não tragam benefícios diretos e imediatos à comunidade, elas são atividades acadêmicas essenciais em uma universidade, para o bom desempenho de sua função privativa de ensino.

A investigação é processo indispensável para a criação de ciência, tecnologia e inovação e tem a ver, portanto, com a nossa capacidade de superar desafios, de promover o desenvolvimento econômico e sociocultural, e de melhorar a qualidade de vida dos cidadãos. Uma nação que não esteja comprometida efetivamente com a geração de novos conhecimentos científicos e capacitada para desenvolver aplicações tecnológicas identificadas com as suas demandas vê ameaçada a sua soberania e está fadada a ocupar lugar subalterno em um mundo onde as vantagens competitivas estão firmemente associadas à produção científica e tecnológica.

Numa aproximação muito grosseira, mas ilustrativa, poderíamos dizer que o mundo está hoje dividido em duas partes. Por um lado, existe o mundo tecnologicamente avançado, cuja característica principal é o alto padrão de domínio da ciência e da inovação tecnológica; por outro lado, o terceiro mundo, que não possui o domínio da ciência e da tecnologia. Em outras palavras, um primeiro mundo que pensa cientificamente, cria, inventa, produz, descobre, empresta ou sonega sua tecnologia, e um terceiro que viaja, se comunica, se diverte, trata a saúde e morre, utilizando-se das roupas, veículos, telefones, Internet, televisão, esportes, medicamentos e armas que inventa o primeiro (UNICAMP, 2002, p. 2).

É preciso admitir que a universidade brasileira, ao longo dos últimos anos, está efetivamente evoluindo no que respeita à formação de doutores e de pesquisadores, com a expansão crescente dos programas de pós-graduação, com a multiplicação dos grupos de pesquisa e mesmo com o incremento do volume de investimentos em pesquisa, notadamente em setores ou áreas consideradas estratégicas.

O número de pesquisadores e de doutores, por exemplo, consideradas as grandes áreas de pesquisa, cresceu significativamente, na primeira década deste século, conforme evidenciam os indicadores do CNPq relativos aos censos de 2000 a 2010. O número de pesquisadores, levando em conta o total para as diversas áreas, passou de 48.781 para 128.892 nesse período e o de doutores de 27.662 para 81.726. Da mesma forma, o número de grupos de pesquisa aumentou de 11.760 para 27.523 nesse período. É importante notar que esse incremento



foi particularmente relevante (o maior se observadas todas as áreas de conhecimento) para as Ciências Sociais Aplicadas, em que se insere o campo da Comunicação: o número de pesquisadores passou de 4.408, em 2000, para 18.579, em 2010; o de doutores, de 1.948 para 9.720 e os grupos de pesquisa, de 930 a 3.438, nesse mesmo período.³

A produção científica também mereceu, nos últimos anos, uma formidável expansão. Assim, entre 1998 e 2001, o número de artigos completos publicados em periódicos especializados foi de 187.284, passando, entre 2007 e 2010, a 677.680. Os trabalhos publicados em anais de eventos entre esses mesmos períodos foi de 139.761 para 412.850 e o número de livros e capítulos de livros de 50.767 a 251.032. Esse crescimento foi, proporcionalmente, maior do que o do número de autores nesse intervalo de tempo (32.839 para 88.761) e isso significa que a produção média do pesquisador brasileiro efetivamente tem sofrido um incremento positivo neste século.⁴

Dados da Agência Brasil, constantes de notícia assinada pela repórter Fernanda Cruz, mostram que a produção dos pesquisadores brasileiros (artigos científicos em periódicos) em 2012, num total de 46.700, ocupou o 14.º lugar no *ranking* mundial de pesquisas, equivalente a 2,2% do total publicado no mundo. Em duas décadas, o Brasil mostrou maior competitividade sob esse aspecto, tendo crescido dez posições no *ranking*. Dentre as quatro maiores detentoras de patentes em nosso país estão três universidades, pela ordem: Unicamp (395), USP (284) e UFMG (163), superadas pela Petrobras (450) (CRUZ, 2013).

Apesar desses números expressivos, o Brasil ainda está distante, no que respeita aos investimentos em ciência, tecnologia e inovação, de um grupo significativo de países, mesmo quando consideramos apenas os países emergentes ou BRICS. Assim, levando-se em conta os dados mundiais sobre investimentos privados em pesquisa e desenvolvimento para 2012, encontramos apenas oito empresas brasileiras no *ranking* das duas mil que mais utilizaram recursos para esse fim. A situação brasileira nesse sentido é absolutamente desfavorável: a China compareceu com 93 empresas no *ranking*, a Coréia do Sul com 56 e a Índia com 22.⁵ Acrescem-se a esses dados, a falta de pessoal qualificado e a existência de uma complexa e custosa burocracia que contribui para dificultar o processo de desenvolvimento de pesquisa e inovação no Brasil.

O debate sobre a produção científica e os investimentos em C&T&I não tem se

3 Indicadores de pesquisa. Indicadores por grandes áreas de conhecimento. Tabelas 1, 2, 3, 4. Disponível em: <http://www.cnpq.br/web/guest/indicadores1>. Acesso em: 10/04/2014.

4 Indicadores de pesquisa. Indicadores por grandes áreas de conhecimento. Tabela 5. Disponível em: <http://www.cnpq.br/web/guest/indicadores1>. Acesso em: 10/04/2014.

5 Citado em Cidadania & Cultura, de 5/12/2013, por Fernando Nogueira da Costa, economista e professor adjunto da Unicamp, baseado em reportagem publicada no jornal Valor Econômico. Disponível em: <http://fernandonogueiracosta.wordpress.com/2013/12/05/pd-relatorio-sobre-investimento-em-pesquisa-desenvolvimento-de-empresas-globais/>. Acesso em: 08/04/2014.



limitado, no entanto, a indicadores meramente quantitativos e deve incluir uma perspectiva mais abrangente que contemple outros aspectos, como a criação de uma verdadeira cultura científica, que não seja compartilhada apenas pelos elementos da chamada comunidade científica, mas por toda a população. Essa foi a conclusão a que chegaram cientistas/pesquisadores brasileiros e publicada em Caderno Temático do Jornal da Unicamp intitulado *Os desafios da pesquisa no Brasil* (UNICAMP, 2002).

Os pesquisadores acreditam que contemplar a ciência como patrimônio de alguns poucos privilegiados é assumir uma perspectiva ingênua e equivocada. E complementam, de forma contundente:

Um país não faz ciência apenas aplicando quantidades variáveis de dinheiro em cientistas e laboratórios. Estes investimentos são necessários, mas não são suficientes. Se bem-sucedidos, eles geram bons pesquisadores, componente indispensável para a expansão das fronteiras do conhecimento. No entanto, a experiência dos últimos séculos mostra que, para um país ter ciência, é necessário que sua sociedade possua uma visão do mundo norteada pela certeza de que a ciência, assim como o produto da ciência, é a verdadeira geradora de bem-estar e progresso (UNICAMP, 2002, p. 2).

Fica evidente que uma das alternativas para a criação desta cultura voltada para a valorização da ciência, da tecnologia e da inovação é a difusão ampla e competente da pesquisa científica e tecnológica, com destaque à divulgação científica em suas múltiplas possibilidades e ao jornalismo científico. Essa difusão tanto favorece o processo de democratização do conhecimento como legitima os investimentos em C&T&I, criando uma imagem favorável às universidades, aos institutos e mesmo às empresas que produzem ciência, tecnologia e inovação.

Equívocos conceituais e desvios ideológicos

A literatura brasileira que contempla a difusão dos resultados de pesquisa e de conhecimento científico para públicos não especializados esbarra, muitas vezes, em equívocos conceituais importantes, valendo-se especialmente de expressões que mais confundem do que identificam as várias modalidades do processo de circulação de informações científicas e tecnológicas. É comum a utilização das expressões “comunicação científica”, “divulgação científica” e “jornalismo científico” como sinônimas, quando, na prática, elas encerram singularidades, tendo em vista a natureza do discurso, o perfil da audiência e mesmo os canais utilizados para sua manifestação.

É necessário, portanto, definir com precisão as várias expressões utilizadas para descrever o campo abrangente da difusão científica porque, na prática, elas explicitam conceitos que são essencialmente distintos.

A comunicação científica diz respeito à produção e à circulação de informações sobre



ciência, tecnologia e inovação que se caracterizam por um discurso especializado e que se destinam a um público formado por especialistas. Ela se manifesta especialmente nos periódicos especializados e nos eventos científicos, abrange um recorte temático bastante específico (por exemplo, Física Nuclear, Biotecnologia, Oncologia etc.) e tem como audiência os especialistas dessas áreas. O acesso a essa forma de difusão de informações fica restrito a pessoas que não têm formação aprofundada no campo porque a comunicação científica se viabiliza por uma linguagem ou um discurso que inclui conceitos e processos cujo domínio ou conhecimento está limitado a um número reduzido de iniciados.

A divulgação científica, por seu turno, refere-se ao processo de veiculação de informações científicas, tecnológicas ou associadas a inovações que têm como audiência o cidadão comum, a pessoa não especializada, o leigo. Em virtude do perfil do público a que a divulgação científica se destina, o seu discurso ou linguagem tem que ser, obrigatoriamente, submetido a um processo de recodificação, ou seja, pressupõe a transposição de uma linguagem especializada para outra não especializada, de modo a tornar as informações acessíveis a uma ampla audiência.

A divulgação científica utiliza, para sua expressão, um conjunto abrangente de recursos, técnicas, processos e produtos (veículos ou canais), como os meios de comunicação de massa, produtos editoriais (livros, cartilhas, fascículos, publicações em geral), cinema, vídeos, espetáculos teatrais, e há bons exemplos de divulgação científica que se valem, especialmente no Nordeste brasileiro, de folhetos de cordel. A divulgação científica se viabiliza também por meio de palestras sobre temas atuais e relevantes de ciência, tecnologia e inovação para o público leigo.

O jornalismo científico, a exemplo da divulgação científica, da qual é um caso particular, destina-se ao cidadão comum e caracteriza-se também por uma linguagem acessível, mas apresenta uma especificidade: é fruto do processo de produção jornalística, que tem suas singularidades, e se manifesta tradicionalmente nos meios de comunicação de massa (jornais, revistas, rádio, televisão, portais), embora, com a emergência das novas tecnologias de comunicação e informação, esteja presente também em *blogs*, grupos de discussão e nas mídias sociais em geral.

Embora apresentem características distintivas, essas modalidades de difusão de informações científicas e tecnológicas podem ser vistas, em boa medida, como complementares, e é possível observar que alguns comunicadores científicos (pesquisadores) costumam desempenhar também, simultaneamente, o papel de divulgadores e até mesmo de jornalistas científicos. O astrofísico Marcelo Gleizer e o oncologista Dráuzio Varella, por exemplo, são atuantes na mídia brasileira, e o decano do jornalismo científico brasileiro, José Reis, foi um pesquisador de prestígio internacional, assim como Carl Sagan, responsável pela série *Cosmos*,

certamente a de maior audiência em todos os tempos, foi escritor de ciência e professor de Astronomia e ciências espaciais.

Além disso, divulgadores e jornalistas científicos acessam os periódicos científicos, veículos principais da comunicação científica, para obter informações (por exemplo, resultados de pesquisa) sobre ciência, tecnologia ou inovação, ainda que, em muitos casos, tenham que recorrer completamente a fontes especializadas (cientistas ou pesquisadores) para esclarecer termos, fatos ou processos descritos nesses periódicos.

Em países emergentes, como o Brasil, as universidades e os institutos de pesquisa, de longe os maiores responsáveis pela produção científica nacional, podem cumprir um importante papel, firmando-se, portanto, como protagonistas de uma divulgação científica e de um jornalismo científico responsáveis e cidadãos. A pergunta óbvia, que inspirou este estudo e de que resultou este texto, é: estarão esses centros produtores de C&T&I efetivamente dispostos e capacitados para o processo de divulgação da pesquisa realizada internamente?

A universidade brasileira e a divulgação da pesquisa

Visando observar algumas particularidades do processo de divulgação da produção científica pelas universidades brasileiras, procedemos à análise das instâncias informativas que promovem a visibilidade da pesquisa, como as informações referentes aos relatos de pesquisa e à própria estrutura de investigação científica presentes nos portais das universidades brasileiras analisadas; e a divulgação, na mídia, das pesquisas realizadas por essas universidades.

Consideramos, para efeito dessa análise, quatro universidades localizadas no Sul do País, a saber: 1) a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS); 2) a Universidade Estadual de Londrina (UEL); 3) a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e 4) a Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Julgando que há diferenças em termos de cultura e de capacitação para pesquisa e mesmo de estrutura profissionalizada de comunicação para divulgação da pesquisa em universidades com vínculos institucionais distintos, optamos por trabalhar com uma universidade federal (UFSC), uma universidade estadual (UEL), uma universidade privada confessional (PUCRS) e uma universidade privada (UTP). O período analisado foi de 9 a 16 de abril de 2014. Tomou-se como condição essencial para que a universidade escolhida participasse do estudo a existência de programas de pós-graduação, com cursos de mestrado e doutorado.

Para levantar e analisar os relatos de pesquisa publicados pelas universidades, consideramos nos seus portais o espaço dedicado à divulgação de notícias, incluindo também, quando era o caso, jornais ou boletins publicados nesse período e disponíveis nesses ambientes virtuais. Para levantar e analisar a publicação de notícias referentes às mesmas universidades pela mídia, utilizamos o material, também disponível nos portais a esse respeito, quase sempre intitulado “*clipping*” ou “a universidade nos jornais”.

Ampliamos, ainda, a nossa análise para incluir as informações (dados, estatísticas, estrutura, cursos, eventos, projetos de pesquisa em andamento ou concluídos, defesa de dissertações e de teses, inclusive a disponibilização *on-line* desses trabalhos etc.) que pudessem servir de pauta ou de subsídios para a mídia ou para dar visibilidade à produção científica das universidades junto aos seus diversos públicos. Buscamos, então, analisar que informações referentes a esses aspectos estavam disponíveis nos portais, quase sempre inseridos em menu específico sobre pesquisa.

Reconhecemos, desde o início deste trabalho, que a precariedade da estrutura de comunicação das universidades não favorece, em muitos casos, a atualização das informações sobre ensino, pesquisa e extensão em seus portais e que, dessa forma, o levantamento específico referente aos relatos de pesquisa pode estar incompleto, mas esses aspectos também faziam parte do nosso objeto de estudo. Nossa intenção era também verificar o perfil, o trabalho e os recursos utilizados pela estrutura de comunicação das universidades que podem subsidiar a divulgação dos relatos de pesquisa desenvolvidos internamente.

Os principais resultados

Enumeramos a seguir os resultados obtidos a partir da observação e análise dos objetivos explicitados no protocolo de pesquisa utilizado para esse estudo. Em um primeiro momento, analisaremos cada universidade em particular e, posteriormente, consolidaremos os resultados principais para o conjunto das instituições analisadas.

Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

O portal da PUCRS, no período de 9 a 16 de abril, publicou 32 notícias, das quais sete incluem ou mencionam atividades de pesquisa realizadas na universidade. Destas sete, apenas uma traz informações mais detalhadas sobre pesquisa desenvolvida na instituição. Na prática, além dessa notícia um pouco mais completa, há outra sobre uma aplicação tecnológica, e outras cinco bastante resumidas sobre eventos a serem realizados na universidade, com menções a pesquisas que serão apresentadas ou debatidas, sem qualquer informação adicional sobre elas. Há apenas indicação de telefone onde se poderá obter mais informações, mas é possível concluir que elas se referem ao evento em si e não aos relatos de pesquisa propriamente ditos.

O único relato de pesquisa básica encontrado refere-se a um trabalho em andamento, portanto ainda sem resultados concretos, e busca analisar a relação entre doenças como Alzheimer e alterações da linguagem dos seus portadores. A pesquisa está sendo realizada pelo Grupo de Estudos em Neurolinguística e Psicolinguística (Genp), do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da PUCRS. A notícia traz como fonte a coordenadora do grupo de pesquisa e enumera alguns detalhes do projeto.



O relato de pesquisa que menciona uma aplicação tecnológica diz respeito a uma nova impressora 3D, que dispensa o uso do computador em sua operação, desenvolvida pela Cliever, uma *startup* instalada na incubadora Raiar da PUCRS. A notícia não traz qualquer detalhe adicional, apenas indica que a impressora vai ser apresentada em um evento a ser realizado em São Paulo.

Em contrapartida, nesse período, a PUCRS teve grande presença na mídia em função de pesquisas por ela desenvolvidas ou pelo menos que contaram com a participação de seus pesquisadores ou de empresas abrigadas em sua incubadora. Podem ser destacados a pesquisa para obtenção de uma vacina contra câncer de próstata (duas menções na mídia), o nascimento da primeira cabra clonada transgênica da América pela Universidade de Fortaleza, com a participação de uma empresa instalada no Parque Tecnológico da instituição (23 menções na mídia) e a participação de uma pesquisadora da PUCRS como consultora de um projeto mundial de colonização de Marte (uma menção). Além disso, a universidade gaúcha está bastante presente na imprensa por meio de suas fontes, repercutindo em mais de uma dezena de reportagens publicadas no período sobre temas de atualidade, o que aumenta a visibilidade de sua competência técnica e de pesquisa.

Com respeito à estrutura para divulgação das pesquisas da PUCRS, nota-se que a universidade dispõe de Assessoria de Comunicação Social – ASCOM com mais de 20 profissionais e inclusive atendimento específico à imprensa. Há informações sobre endereço, telefone e *e-mail* para contato e os nomes dos profissionais estão listados no expediente da ASCOM.

O Portal, no entanto, não dispõe de uma Sala de Imprensa, canal de relacionamento virtual normalmente encontrado em organizações privadas ou mesmo em organizações públicas (inclusive universidades), voltado especificamente para a interação com os jornalistas.

A competência em pesquisa da PUCRS está explícita no menu Pesquisa, com informações detalhadas sobre os projetos de pesquisa em andamento, acesso aos seus 27 periódicos científicos e aos grupos de pesquisa e inúmeros documentos que atestam o compromisso da universidade com a investigação científica. Essas informações são complementadas pelas encontradas no menu Pós-Graduação, que lista seus 45 cursos de mestrado e doutorado, com *sites* específicos para cada programa e acesso fácil ao texto integral de dissertações e teses defendidas pelo menos nos últimos 10 anos.

Com rapidez, os interessados encontram um número formidável de informações (dados, documentos etc.) sobre a estrutura (projetos, laboratórios, grupos de pesquisa, trabalhos em andamento e concluídos), o que garante visibilidade ao esforço de investigação da PUCRS.



Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

O portal da UFSC, no período, trouxe 24 notícias, das quais apenas uma inclui informações sobre pesquisa realizada. Além disso, outra refere-se especificamente ao esforço de investigação da universidade. A primeira dá conta da premiação conseguida por um de seus doutorandos – Guilherme Ortigara Longo – bolsista do programa Ciência sem Fronteiras, por um de seus trabalhos apresentado em um evento internacional, nos EUA, sobre ecologia química aquática, particularmente em recifes de coral. Embora as informações sobre o estudo realizado estejam reduzidas a pouco mais de um parágrafo na notícia, ainda assim associa a UFSC a um esforço bem-sucedido em pesquisa.

A segunda notícia pertinente ao campo da investigação realizada na universidade dá conta da futura inauguração das instalações do Núcleo Ressacada de Notícias prevista para o dia 29 de abril de 2014. Nesse caso, embora cite o desenvolvimento de um projeto – Implantação de uma infraestrutura laboratorial e de apoio para o desenvolvimento de pesquisas avançadas em avaliação e remediação em áreas impactadas, financiado pela Petrobras –, não traz detalhes deste.

Podem ser citadas também: a) a notícia sobre as inscrições para o Prêmio José Reis de Divulgação Científica e Tecnológica, promovido pelo CNPq, pelo fato de referir-se à divulgação científica e ao jornalismo científico, foco deste texto e estudo e b) abertura de inscrições para bolsas de iniciação científica e tecnológica.

De resto, as demais notícias veiculadas pelo portal dizem respeito a temas prioritariamente administrativos (carreira docente, greve na UFSC), a seminários ou a cursos realizados pela universidade e a assuntos diversos, não vinculados diretamente ao esforço de pesquisa.

O portal dedica um espaço para a divulgação da UFSC na mídia, mas é sintomático o fato de ele não estar devidamente atualizado, tanto assim que não há informação sobre qualquer notícia publicada na imprensa nesse período. Estamos inclinados a acreditar que a UFSC não esteve ausente da mídia por um intervalo tão longo e que a ausência de informações a esse respeito no portal da universidade esteja associada à não atualização desse fato. De qualquer forma, em qualquer um dos casos (não publicação pela mídia de relatos de pesquisa ou outro fato vinculado à UFSC ou não atualização do portal), fica claro que há pouca visibilidade, pelo portal, ao esforço de investigação realizado pela Universidade Federal de Santa Catarina.

O resgate do espaço dedicado à pesquisa no portal da UFSC evidencia facilmente a falta de atualização dos dados de maneira geral. Assim, ao clicar no menu Pesquisa, o internauta é encaminhado a um texto sobre a Pró-Reitoria de Pesquisa, cuja última atualização ocorreu há mais de três anos (setembro de 2010). As informações sobre os indicadores de pesquisa, presentes no portal, referem-se ao triênio 2007-2009, evidenciando o pouco cuidado com a divulgação

de estatísticas, dados ou informações recentes. Pode-se acessar a Pró-Reitoria de Pesquisa também a partir de outros *links* e eles remetem a informações específicas, necessariamente não associadas ao foco de interesse deste estudo e texto, como editais ou oportunidades de pesquisa em parceria com outras universidades estrangeiras.

Deve ser destacada, no entanto, a estrutura profissionalizada de comunicação da universidade – a Agência de Comunicação (Agecom), que dispõe de um espaço com informações relevantes para o trabalho de interação com a imprensa, incluindo o Guia de Fontes (atualizado até 2010), o acesso a algumas publicações (embora novamente devamos ressaltar que elas se reportam, como é o caso do Relatório Social, a informações não recentes (2010). Fica a dúvida se, nos anos seguintes, esse material deixou de ser produzido. Na verdade, o portal da UFSC inclui espaços que ainda não estão sendo construídos, alguns deles, como a Agência Ciência em Pauta, que ainda não está disponível.

Merece menção o fato de a página da Agecom incluir explicitamente *links* sobre divulgação científica e jornalismo científico, o que acentua que, pelo menos em tese, a UFSC reconhece a importância do processo de democratização do conhecimento científico e da necessidade de divulgar ciência e tecnologia, e, por consequência, a sua produção científica para públicos não especializados. Na prática, como podemos ver explicitamente pelo Portal, esse compromisso não está sendo cumprido à risca.

É possível recuperar, pelo Portal, embora com dificuldade porque não facilmente visíveis, as linhas de pesquisa desenvolvidas nas diversas áreas do conhecimento da UFSC, mas as informações sobre os projetos quase sempre se limitam apenas a seus títulos, sem outros dados adicionais.

Há também que se ressaltar o fato de que, em muitos casos, nem mesmo o acesso a dissertações e a teses defendidas na UFSC é possível. Assim, por exemplo, quando se busca essa informação no Programa de Pós-Graduação em Biotecnologia e BioCiências, tem-se como retorno a informação de que não “há nenhum dado encontrado no Sistema da Biblioteca Central”⁶. Muitos *links* que remetem a espaços com informações estão quebrados, o que evidencia a displicência em relação ao portal, como é o caso, por exemplo, da Pós-Graduação em Farmacologia que retorna com a informação “página não encontrada”.

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

No período sob análise, a UEL publicou em seu portal 32 notícias, nenhuma delas reportando-se a relatos de pesquisas desenvolvidas na universidade, ou seja, de 9 a 16 de abril não houve divulgação do esforço de investigação da UEL. As notícias

6 Ver a esse respeito o link <http://www.biotecnologia.ufsc.br/linhas-de-pesquisa/>.



veiculadas referiam-se a temas diversos, como as eleições na universidade, eventos (palestras e cursos), visitas de estudantes do exterior à universidade etc. Deve ser, no entanto, mencionada a notícia sobre o Portal de Poéticas Oraís que traz recursos diversos para subsidiar pesquisadores que desenvolvem trabalhos sobre oralidade.

A UEL veicula o Jornal Notícia, mas ele não tem periodicidade regular. Em 2014, até a última data de coleta de dados para o estudo, de que resultou este texto, haviam sido publicadas cinco edições: uma em abril, duas em março e duas em fevereiro, embora, no seu expediente, exista a informação de que a publicação tem periodicidade semanal.

O espaço dedicado à veiculação das notícias publicadas pela mídia e que incluem a UEL, intitulado *clipping*, não resgatou, no período, qualquer relato de pesquisa realizada pela universidade.

A UEL conta com uma Coordenadoria de Comunicação Social, com uma estrutura que se divide em cinco áreas: Jornalismo, Relações Públicas, Produção em Mídia, Rádio e Gráfica, mas há apenas informações gerais sobre cada uma delas disponíveis no Portal. Fica evidente que Jornalismo responde pela produção de informações voltadas para os públicos interno e externo, notadamente referentes aos temas de interesse deste artigo e elas estão consolidadas no Jornal Notícia e na Agência UEL de Notícias, canais utilizados para a nossa coleta de informações.

O menu Pesquisa/Pós-Graduação do portal da UEL garante potencialmente o acesso a um conjunto amplo de dados que permitem resgatar o esforço de pesquisa da universidade, como as linhas de pesquisa dos programas de pós-graduação, textos integrais de dissertações e teses defendidas na universidade, mas há programas de pós-graduação em que o acesso ao *site*, onde se encontram essas informações, não estava disponibilizado no momento da consulta para a elaboração deste artigo. Na verdade, de maneira não justificada, para determinadas consultas o portal inviabiliza a navegação, retornando com a informação de que há problemas com o uso, por exemplo, do navegador Internet Explorer, o mais utilizado pelos internautas. Mesmo com o uso do Google Chrome para esse acesso, o autor deste artigo encontrou problemas para obter as informações básicas referentes a projetos ou grupos de pesquisa, por exemplo.

Nota-se que há, no portal, caminhos diversos para a obtenção de informações a respeito da pesquisa na UEL e que, dependendo da escolha feita pelo internauta, ela será mais ou menos bem-sucedida, evidenciando, de pronto, um problema com a arquitetura do *site*.

Universidade Tuiuti do Paraná (UTP)

No período, a UTP não trouxe, em seu portal, notícias sobre relatos de pesquisa em andamento ou concluídas na instituição e, na prática, ele incorpora mesmo um reduzido número



de notícias quaisquer sobre a universidade. Considerando-se as notícias constantes do portal, pode-se comprovar que há, em média, uma notícia a cada dois meses sobre a UTP (ou seja, de 4 de agosto de 2013 a início de abril de 2014).

O próprio material institucional sobre a UTP (missão e objetivos) não lista a divulgação científica ou o jornalismo científico, o que pode evidenciar que ela não vê estrategicamente como sua função divulgar a sua produção científica para públicos não especializados.

A princípio, a UTP, em seu portal, apenas divulga informações gerais sobre defesa de dissertações e teses no menu Eventos, mas, no acesso realizado em abril de 2014, quando do resgate de informações para este artigo, ao clicar nas dissertações previstas para abril e maio, o *link* retornava para página não encontrada.

O portal também não inclui qualquer informação sobre notícias publicadas pela mídia sobre a UTP e, portanto, estamos inclinados a admitir que essa divulgação não ocorreu e que, em função disso, também não há, na mídia, no período, relatos de pesquisas desenvolvidas pela universidade.

Os dados sobre a estrutura de pesquisa na universidade (cursos, linhas de pesquisa, grupos de pesquisa, dissertações e teses defendidas) estão apenas parcialmente disponibilizados. Não há detalhes maiores sobre os projetos desenvolvidos pelos grupos de pesquisa e foi constatada, como é de praxe, a inexistência de *links* que permitam recuperá-los, por exemplo, no diretório de grupos de pesquisa do CNPq, onde os grupos de pesquisa oficialmente certificados pela instituição estão cadastrados. Não é possível ao menos concluir se esses grupos cumprem essa formalidade ou se são grupos com visibilidade apenas interna na universidade. O acesso ao texto integral das dissertações ou textos não está liberado para todos os trabalhos e, em alguns casos, não é possível recuperar a íntegra do trabalho.

A UTP indica, em seu portal, que possui uma Assessoria de Imprensa, mas, apesar de o texto que a descreve reforçar como seu objetivo “sugerir pautas aos meios de comunicação em diversas áreas ligadas à educação (desde pesquisas inéditas até eventos promovidos pela UTP)”, pelo menos, no que diz respeito ao portal, no período analisado, não há sugestões nesse sentido. Se há pesquisas desenvolvidas, o esforço de divulgação não tem sido feito no sentido de dar visibilidade a essa competência básica da instituição.

Considerações finais

A observação dos portais das universidades selecionadas, com o objetivo de analisar a divulgação da sua competência em pesquisa, demonstra que, em geral, os projetos de investigação por ela realizados permanecem quase sempre na invisibilidade, não merecendo a prioridade devida. Com isso, a partir dos portais, não é possível, para os *stakeholders* e para a sociedade, aquilatar os investimentos e os resultados do trabalho desenvolvido por seus pesquisadores.



Duas universidades sob análise não mencionaram, no período, qualquer relato de pesquisa em seus portais e, embora o estudo não tivesse como objetivo o aprofundamento sobre os motivos pelos quais esse fato ocorre, duas alternativas podem ser levantadas: 1) há reduzida ou mesmo nenhuma articulação entre os responsáveis pelos portais e as instâncias de pesquisa na universidade, de tal modo que as informações sobre as pesquisas desenvolvidas internamente não estão disponíveis para veiculação; 2) não há uma cultura de divulgação da pesquisa nas universidades, o que pode ser percebido em algumas das universidades pesquisadas, uma vez que não incluem a democratização do conhecimento como uma de suas funções prioritárias.

Comparativamente, a pesquisa é a competência básica da universidade menos presente nas notícias dos portais, superada pelo ensino e pela extensão, e, além disso, quando ela é contemplada nesse espaço (o que, como ficou evidente, é pouco comum), merece uma cobertura não qualificada, limitada a informações de caráter geral, que não permitem resgatar a essência do trabalho de investigação.

É possível observar que a inexpressiva presença dos relatos de pesquisa nos portais das universidades não tem relação com a ausência de uma estrutura profissionalizada de comunicação nas instituições, visto que todas elas, em maior ou menor grau, dispõem de agências ou de assessorias para a realização desse trabalho. Talvez se possa admitir a falta de estrutura apenas na Universidade Tuiuti do Paraná, que efetivamente sinaliza, em seu portal, dar reduzida atenção à divulgação de notícias, inclusive relativas a outras competências (ensino e extensão) da instituição.

Merece menção o fato de a UFSC explicitar claramente a importância da divulgação científica e do jornalismo científico em seu portal, mas, em contrapartida, esse ambiente virtual da universidade se caracteriza por dados desatualizados, particularmente quando associados à pesquisa realizada internamente, como os indicadores, os relatórios etc. O próprio Guia de Fontes, um instrumento importante para a interação com os jornalistas, e que só está presente, dentre as universidades analisadas, na UFSC, traz dados de 2010, o que significa que o Guia não é permanentemente atualizado.

Como decorrência dessa falta de prioridade à veiculação dos resultados de pesquisa, o estudo mostrou que a mídia pouco repercute o esforço de investigação das universidades. No período analisado, apenas a PUCRS esteve presente na imprensa com notícias/reportagens sobre pesquisas por ela realizadas e, mesmo admitindo que o processo de “clipagem” da mídia pelas instituições seja deficiente, esse fato parece indicar, de forma contundente, a pouca visibilidade externa da investigação empreendida no âmbito das universidades.

Os dados sobre a estrutura e a dinâmica da pesquisa das universidades (linhas de pesquisa, grupos de pesquisa, dissertações e teses defendidas), quase sempre acomodados em menus específicos nos portais (pesquisa/pós-graduação), estão, em geral, disponíveis,



mas, ainda assim, em alguns casos, evidenciam lacunas importantes. Há pouca ou nenhuma informação sobre os projetos em andamento ou concluídos, são escassos os dados sobre os grupos de pesquisa e há situações não justificáveis, como a ausência de *sites* de programas de pós-graduação (e, com isso, a dificuldade em resgatar informações essenciais sobre a pesquisa por eles desenvolvida) e mesmo a impossibilidade, contrariando a própria legislação, de acesso aos documentos integrais das dissertações e teses defendidas nas universidades.

Pode-se admitir que esse cenário pouco favorável da divulgação da pesquisa nos portais das universidades não caracteriza apenas as instituições que foram objeto deste estudo, mas que, salvo raríssimas exceções, pode ser generalizado. O rigor que deve ser obedecido na elaboração de estudos empíricos com amostras reduzidas, como o que empreendemos, exige, no entanto, que tomemos essa constatação como uma hipótese e que ela possa ser amplamente testada. Se confirmada, indicará que a comunicação das instituições universitárias anda falha, penalizando, sobretudo, o esforço, que julgamos obrigatório, de democratizar o conhecimento científico, tarefa inadiável dos centros produtores de C&T&I em nosso país.

Referências

CRUZ, Fernanda. Brasil está em 14º lugar no *ranking* mundial de pesquisas. **Agência Brasil**. Brasília/DF, 17/09/2013. Disponível em: <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-09-17/brasil-esta-em-14%C2%BA-lugar-no-ranking-mundial-de-pesquisas-cientificas>. Acesso em: 04/04/2013.

JANKEVICIUS, José Vitor. A pesquisa científica e as funções da Universidade. **Semina: Ciências Biológicas e da Saúde**. UEL. Londrina/PR. Vol 16, No 2, p. 328-330, jun. 1995. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminabio/article/view/7056>. Acesso em: 03/04/2014.

UNICAMP. **Jornal Unicamp. Caderno Temático**. Campinas/SP. Ano I, No 12, fev. 2002. Disponível em: http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/jornalPDF/ju170tema_p01.pdf. Acesso em: 23/11/2013.